

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Claudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabricia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Brasília-DF

Vanessa Santos de Freitas

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação
Brasília-DF

RESUMO: Investigam-se os sentidos da sexualidade associados ao corpo da mulher velha na série “Grace and Frankie”. Analisa-se como a temática da sexualidade é apresentada e de que forma a relação da mulher velha com o corpo é ressignificada nessa série. A partir das análises de Conteúdo (BAUER, 2002) e do Discurso (FOUCAULT, 2009), observou-se uma tentativa de ressignificar a sexualidade na velhice. Contudo, há ainda permanências de sentidos negativos associados ao corpo e à sexualidade da mulher velha.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Velhice. Grace and Frankie.

AGING AND SEXUALITY: A STUDY ABOUT THE "GRACE AND FRANKIE" SERIES

ABSTRACT: Investigate the senses of sexuality associated with the body of the old woman in

the series "Grace and Frankie." It is analyzed how the thematic of sexuality is presented and how the relation of the old woman with the body is re-signified in this series. From the analysis of Content (BAUER, 2002) and Discourse (FOUCAULT, 2009), an attempt was made to re-signify sexuality in old age. However, there are still negative sense stays associated with the body and sexuality of the old woman.

KEYWORDS: Sexuality. Aging. Grace and Frankie.

1 | INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, temos o engendramento de novas formas de subjetividades, novas formas de ser e estar no mundo. Seguindo as características da atualidade, com seus avanços tecnológicos, pela midiatização e pelo incentivo à produtividade, há a ascensão de uma personalidade alterdirigida, voltada para o olhar alheio. O eu passa a ser mais visível e epidérmico, sendo esse voltado para a exterior e que almeja a visibilidade (SIBILIA, 2008). A lógica de exposição de si gera um ímpeto pela exposição e pelo consumo da intimidade, em um mundo no qual o relevante é aparecer e ser visto. Nesse movimento de visibilidade constante, a aparência apresenta um papel

fundamental, pois é a partir dela que somos observados e visíveis, pois “hoje somos o que aparentamos ser” (COSTA, 2004, p. 198).

Como é por meio da aparência que somos percebidos e também legitimados, o corpo exerce o papel de protagonista nas subjetividades contemporâneas. O corpo é o objeto das práticas ascéticas atuais, visando o seu constante aperfeiçoamento e sendo digno de diversos cuidados que interferem em atividades físicas, na alimentação e em uma série de produtos que prometem a sua “melhoria”. Nesse contexto, há a ascensão de uma cultura somática (COSTA, 2004) na qual o corpo é o determinante para o julgamento e a valorização social dos indivíduos. Vale ressaltar que não é qualquer forma corpórea considerada digna para essa valorização social. O corpo valorizado e cultuado é o corpo magro, torneado, saudável, e, acima de tudo, jovem. A busca por esse modelo de corpo considerado “ideal” cria um incessante processo de insatisfação, sendo assim, Costa (2004, p. 200), aponta que “o mal do século é o mal do corpo”.

Diante desse cenário, surge a inquietação de saber como a velhice é percebida na contemporaneidade, ainda mais quando o envelhecimento da populacional é um fato eminente. Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) demonstra que a população mundial vai crescer 32% até 2050 e 53% até 2100, chegando aos 11,2 bilhões de pessoas. Conseqüentemente, a população idosa, com sessenta anos ou mais, irá duplicar até 2050 e triplicar até 2100 (O GLOBO, 2015).

Apesar dos dados expressivos em relação ao envelhecimento populacional, a temática da velhice ainda é pouco abordada. Ao ser pouco retratada em novelas, em publicidades, em filmes e em séries, há o sentimento entre as mulheres velhas de invisibilidade. A invisibilidade social percebida pelas mulheres é observada por Goldenberg (2013, p. 91), segundo a qual “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino”.

Na cultura na qual a juventude é marcante para a constituição das subjetividades, as dimensões de velhice são constantemente associadas ao corpo jovem, que é mais notadamente visto, admirado e enaltecido em detrimento do corpo velho. A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, pois se afasta das características da juventude, o que favorece o sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas.

A partir dessa relação apresentada entre juventude e a velhice, o problema desta pesquisa é o seguinte: quais os sentidos da sexualidade associados ao corpo da mulher velha na da série “Grace and Frankie”. O objetivo desta pesquisa é analisar como a temática sexualidade é apresentada na série e de que forma a relação da mulher velha com o corpo é ressignificada no decorrer das narrativas seriadas.

A série “Grace and Frankie” é uma produção exclusiva da Netflix lançada em 2015 e criada por Howard J. Morris e por Marta Kauffman, conhecida pela produção e pelo roteiro da série “Friends”. A Netflix lançou a quinta temporada do seriado no

início de 2019 e teve sua sexta temporada confirmada em janeiro do mesmo ano. O elenco da série é composto por protagonistas com mais de setenta anos, entre eles Jane Fonda (79 anos), Lily Tomlin (78 anos), Martin Sheen (77 anos) e Sam Waterston (76 anos), algo nem um pouco comum nas produções audiovisuais contemporâneas.

Para a investigação da sexualidade das mulheres velhas na série da Netflix, recorreu-se a um quadro teórico diverso e transdisciplinar. Nessa pesquisa, foram identificadas obras sobre gênero (BEAUVOIR, 1970), idade, corpo e subjetividade (DEBERT, 1999; GOLDENBERG, 2013; SIBILIA, 2011; CASTRO, 2015; EHRENBERG, 2010; SANTOS, 2003).

O corpus analítico é composto pelos episódios “O Golpe”, “A Galinha” e “A Exceção”, pois neles é mais representativa a noção de sexualidade para as personagens Grace e Frankie. Para a análise desses episódios, primeiro foi empregada a metodologia da Análise de Conteúdo (BAUER, 2002), a partir da qual foi possível sistematizar as frequências e ausências de sentido construindo um mapa acerca do corpus analisado. A partir desse mapa, analisa-se a materialidade discursiva sob a ótica da Análise do Discurso de Michel Foucault (2009), segundo o qual o discurso é estruturado por meio dos princípios de ordenamento, exclusão e rarefação do discurso. A análise empreendida foi inspirada na Análise do Discurso de linha francesa, especificamente aquela que não privilegia uma análise estruturalista, mas a investigação sobre as construções ideológicas presentes na linguagem que forma o discurso, observando o dito e o não dito. A partir dessa metodologia foi possível a observação detalhada de elementos da narrativa presentes na série “Grace and Frankie”, tanto para a narrativa explícita do roteiro quanto para uma análise implícita das relações de poder do discurso inserido na série, a fim analisar quais os sentidos atrelados à sexualidade das mulheres velhas propagados na série.

2 | VELHICE: SENTIDOS E VALORES

O desejo da eterna juventude presente desde a Antiguidade egípcia se fortalece na contemporaneidade. A juventude na contemporaneidade exerce um papel central na mídia, ela está presente nos diversos produtos midiáticos que enaltecem seus atributos. Esses atributos são incorporados por indivíduos de todas as idades no intuito de perpetuarem a juventude. Embora a eterna juventude ainda não seja possível, o imperativo sobre o corpo é o de permanecer sempre jovem. Segundo Debert (1999, p. 21), a juventude passou por um processo de ressignificação em que “perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio de vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade”. Na atualidade contemporânea na qual a aparência e a visibilidade são enaltecidas, o olhar do outro é fundamental para a legitimação do eu, Sibilía (2011, p. 107) afirma que “o direito de ‘ser alguém’ ou ‘ser eu’ é um privilégio só concedido aos jovens”.

Na cultura em que a juventude é fundamental para a constituição das subjetividades, qual o papel atribuído à velhice na contemporaneidade? Ser velho hoje é, muitas vezes, como ser invisível. Essa invisibilidade é pior para as mulheres e, conforme cita Sibilia (2011, p. 89) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha, então, pior ainda!”. A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, na medida em que o afastamento desses capitais característicos da juventude, acabam favorecendo o sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas.

A velhice na contemporaneidade é algo digno de ser escondido, mascarado, camuflado, a qualquer custo (CASTRO, 2016). As visões negativas sobre a velhice percebidas durante a genealogia, como sinônimo de decadência física, moribundo, se perpetuam na contemporaneidade. Segundo Castro (2016, p. 86): “para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis relacionadas com a deterioração de sua condição física e/ou mental na senescência”. Em uma sociedade na qual o culto ao corpo é predominante, a decadência física é objeto de desgosto. Além disso, o imperativo contemporâneo é voltado para a visibilidade, estimulando que os corpos considerados “ideais” sejam exibidos. Nesse contexto, o corpo velho, por não corresponder aos “padrões” recomendados, é algo que deve ser combatido, que não deveria ser exibido, conforme aponta Sibilia (2011):

Em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, *a velhice é censurada como algo obscuro e vergonhoso*, que deveria permanecer oculto, fora de cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade. *Um estado corporal que deveria ser combatido* – ou, quanto menos, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito, e, portanto, humilhante. *Algo indecente que não deveria ser exibido* (SIBILIA, 2011, p. 94, grifos nossos).

A realidade dos velhos na contemporaneidade está repleta desses significados negativos atribuídos à essa etapa da vida. Conforme aponta Goldenberg (2013), esses sentidos da velhice estão presentes no próprio discurso do idoso, os quais apontam como características da velhice “a decadência do corpo, gordura, flacidez, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria” (GOLDENBERG, 2013, p. 44). Esses sentidos negativos atrelados à velhice e à constante desvalorização do velho estão relacionados ao idadismo, sendo esse “uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade” (CASTRO, 2015, p. 108). Amparada na visão da juventude como um valor, essa forma de preconceito é disseminada na sociedade contemporânea de modo que a velhice é vista com repúdio.

A repulsa em relação à velhice leva a rejeição do termo “velho”, que é considerado uma espécie de ofensa, insulto (SIBILIA, 2013). Diversos são os termos utilizados para substituir a palavra “velhice”, como “terceira idade”, “melhor idade”, “idosos”, “maturidade”, geralmente utilizados com o intuito de positivar a velhice, porém, não passam de eufemismos. A partir da visão negativa da velhice, muitos indivíduos não

se reconhecem nessa etapa da vida, tentando se afastar dos sentidos decadentes associados à idade longínqua. Beauvoir (1970) aponta que os velhos são sempre os outros, o que demonstra essa dificuldade de aceitar a velhice. Essa questão também é abordada por Goldenberg (2011, p. 9), a qual afirma que o sujeito velho não se percebe, não se vê como alguém velho, mas “vê a si mesmo como sempre se viu ao longo da vida. Isso faz com que, para cada indivíduo, o velho seja sempre o outro ou um outro. O velho não vê em si mesmo aquelas características que usualmente são atribuídas às pessoas velhas”. A segmentação da velhice em etapas também pode ser observada como um reflexo de afastamento dos significados negativos da velhice. Essas etapas designam “a juventude da velhice” como “meia-idade”, a “idade da loba”, “terceira idade”, “aposentadoria-ativa” (DEBERT, 1999). Aos termos descritos por Debert (1999), adicionam-se ainda outros em voga na contemporaneidade, como “envelhecimento saudável” (OMS, 2015) e “envelhecimento ativo”.

Além dos significados da juventude, na velhice também é importante parecer jovem. Na cultura somática contemporânea caracterizada pelo culto ao corpo, sendo esse espetacularizado e que deve seguir as normas da “boa forma”, o corpo velho é desvalorizado em relação ao corpo jovem (SIBILIA, 2011). Além de desvalorizado, Sibilía (2011, p. 83) aponta que o corpo velho é visto como um “estado corporal vergonhoso”. O corpo é um elemento principal na formação das subjetividades contemporâneas, um elemento relevante durante todas as etapas da vida. A aparência do corpo exerce fatores para o julgamento moral dos indivíduos e, nesse processo, os velhos, figuras que desviam do ideal do “corpo perfeito”, acabam sendo marginalizados, perdendo seu valor social. Acerca dessa valorização, Castro (2016) aponta que os velhos chegam a ser vistos como indivíduos ausentes de atributos de qualidade:

Quando a imagem do corpo é tomada como capital a ser investido na busca incessante do êxito social, os sinais de velhice são interpretados como sinais de deterioração do patrimônio individual. Ao se envelhecer, é como se fosse ultrapassado o prazo aceitável de validade e, assim, a experiência vivida estaria desatualizada, obsoleta, incompatível. O corpo envelhecido passa a apontar uma pessoa esvaziada de atributos de qualidade (CASTRO, 2016, p. 88).

O relevante na contemporaneidade está em não parecer “tão velho assim”, a constatação de Sibilía (2008, p. 84) “agora, o importante é parecer” é alterado, na velhice, o que vale à aparentar ser jovem. A figura de um corpo “bem conservado” está ligada à escolha das atrizes principais para a série “Grace and Frankie”, as atrizes Jane Fonda, de setenta e nove anos, e a Lily Tomlin, de setenta e oito anos, são símbolos de uma velhice “bem conservada”, ambas não aparentam a idade que tem. Além disso, as personagens interpretadas pelas atrizes afastam-se constantemente da visão naturalizada de “decrepitude” da velhice.

3 | ANÁLISE DO CORPUS: EPISÓDIOS DA SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

O episódio “O Golpe” começa com Frankie e Grace voltando do memorial de Babe, uma antiga amiga das duas personagens que resolveu optar pela eutanásia, pois não queria mais combater o câncer e queria manter a imagem de uma pessoa alegre, divertida e saudável. A morte de Babe acaba estimulando a reflexão de ambas as personagens sobre a vida, como Frankie afirma em uma cena “a morte tem o hábito de fazer isso com as pessoas. Ao chegarem na casa de praia, Grace e Frankie avistam dois presentes deixados por Babe. O presente de Frankie são pincéis, supostamente utilizados por Picasso e um convite para a exposição de arte da própria Frankie em uma galeria que Babe reservou. A personagem fica muito animada em ter sua própria exposição e desafiada a produzir todas as pinturas necessárias. O presente de Grace é um vibrador, objeto com o qual a personagem não apresenta familiaridade. O presente de Grace acompanha um cartão com a seguinte mensagem de Babe “Querida Grace, isto é melhor do que beber e não deixará seu rosto inchado. E não partirá seu coração. Com amor, Babe.”. Em um curto bilhete, Babe consegue citar elementos da subjetividade de Grace interessantes como o abuso do álcool e o culto à aparência.

Na manhã seguinte ao receberem os presentes, Grace aparece na cozinha em busca de sua bolsa térmica para colocá-la em seu punho. Frankie questiona Grace sobre o que acontecera para ela estar com dor, sua amiga afirma que sua artrite “aparecera”, Frankie não fica contente com as respostas de Grace e sente que ela está escondendo algo. Na figura 1, podemos observar o momento em que Frankie descobre que a dor surgira devido à utilização do vibrador.





Figura 1: Grace e a masturbação

Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

A segunda temporada da série aborda temas considerados “tabus”, como a sexualidade e a masturbação na velhice. Esses temas são ressignificados na série. Durante a segunda temporada, Frankie se envolve com Jacob, ou “o cara do inhamé” como a personagem o chama. O processo de admitir que estava apaixonada foi complexo, pois a personagem demonstrou muito medo de se envolver afetivamente e também sexualmente após a separação de Sol, seu ex-marido. Apesar de a personagem se mostrar mais aberta para falar sobre ressecamento vaginal, vibradores e orgasmos, Frankie mostra dificuldade com o assunto sexo, e em determinada cena, após declarar seus sentimentos por Jacob, pede que ele “conter seu desejo” referindo-se que não estava pronta para relações sexuais. A relação de Grace na segunda temporada é evidenciada pela chance de reviver um amor antigo com Phil.

É apresentada na segunda temporada uma cena de sexo entre Grace e Phil, na qual mostra o torso de ambos os personagens nus enquanto se beijam, em momentos em que aparecem os movimentos nos lençóis, esses aparecem desfocados, deixando a relação sexual implícita. A cena dura cerca de trinta segundos e é a cena de sexo mais explícita da série com personagens velhos. Segundo a pesquisadora Sueli Santos (2003), a velhice proporciona outra forma de viver as relações amorosas:

Resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas (SANTOS, 2003, p. 59).

No trecho acima é abordada a questão da valorização de outras formas de amar na velhice, as quais incluem o reforço de outros estímulos além do sexo, como o toque e o olhar. Na série essa visão é presente principalmente no relacionamento entre Frankie e Jacob. O relacionamento desses personagens é demarcado pela insegurança de Frankie de se entregar emocionalmente após a desilusão amorosa

com seu ex-marido Sol, por isso, o relacionamento com Jacob não é baseado no ato sexual, mas na atitude de cumplicidade entre os dois personagens, sendo o casal um exemplo dessa “reinvenção” de formas amorosas conforme apontado por Santos (2003).

No episódio “O golpe”, há uma reunião das famílias de Grace e Frankie que acaba sendo repleta de conflitos das personagens com seus filhos. Indignadas com a postura de seus filhos de desconsideração em relação às mães, Grace e Frankie acabam exprimindo nessa reunião o que estavam aguentando. Na figura 2, as duas personagens resolvem apresentar a sua nova ideia de negócio, criar uma empresa de vibradores específica para mulheres velhas.



Figura 2: O desabafo de Grace e Frankie

Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

Na figura 2, é interessante observar a reação da família de Grace e de Frankie quando o assunto é masturbação, algo que assim como o corpo velho, “deve” ser camuflado ou escondido. Apesar das reações de interdição de suas famílias, Grace e Frankie continuam firmes, como mostrado no diálogo abaixo:

Brianna: Está bem. Eu duvido que exista um mercado para vibradores para idosas com artrite.

Grace: Existe. Estou agonizando.

Frankie: Demora muito mais para nós gozarmos, Sol.

Grace: O sangue não circula tão fácil e o tecido genital... é mais delicado. Quanto maior o esforço para o orgasmo, mais você o irrita e mais inflama a sua artrite. As mulheres mais velhas não deveriam merecer coisa melhor?

Mallory: Sério! Como vou explicar para meus filhos que a avó deles faz brinquedos eróticos para outras avós?

Grace: Eu lhe direi o que dizer para eles. Fazemos coisas para pessoas como nós porque estamos cansadas de sermos rejeitadas por pessoas como vocês.

Frankie: Fechou com chave de ouro. Vamos para casa (O GOLPE, 2016)

No diálogo acima, vemos que as duas personagens concluindo o seu desabafo para a família, em uma forma de expressar toda a rejeição sentida por elas desde os divórcios. Podemos observar que Grace se coloca como uma mulher velha, sem utilizar o termo “alguém” como fizera antes, mas o pronome “nós” que demonstra o orgulho e a legitimação de que ela não precisa mais negar a velhice, e sim ter orgulho dessa etapa da sua vida. Ao afirmarem o seu direito à sexualidade e à velhice, Grace e Frankie exprimem a sua liberdade de poderem falar o que quiserem, sem a preocupação do julgamento alheio. O orgulho das duas personagens é mais visível quando ambas estão saindo da casa, após terem chocado todos os membros da família. A câmera filma em *slowmotion* a saída de Grace e Frankie e a trilha sonora é um *rap*, o que enfatiza a coragem das duas personagens enquanto se olham e sorriem uma para outra. Após a cena da saída “triumfal” das personagens, há uma cena que demonstra todos os membros da família olhando para a porta da casa ainda incrédulos com o que ouviram. A reação da família de Grace e Frankie demonstra a inabilidade da família em lidar com o fato de que as mães são mulheres sexualmente ativas que não dependem de um parceiro para satisfazer seus desejos e que desejam proporcionar essa liberdade sexual para outras mulheres velhas, por meio do vibrador personalizado.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na série “Grace and Frankie” podemos observar a propagação de novos sentidos relacionados à velhice. Grace, uma das personagens principais, é o indivíduo que incorpora os sentidos da “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013) e do “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), está em constante cuidado em relação a

sua aparência, faz dietas alimentares, segue a lógica da prevenção do discurso de risco e está à procura de uma atividade produtiva que conceda utilidade a sua velhice. A outra personagem principal, Frankie aparenta não ter os mesmos cuidados de sua amiga Grace, mas também exibe um corpo magro, apresenta poucas rugas, utiliza frequentemente maquiagem, enaltece uma vida sexual ativa. Ambas as personagens gostam de reforçar o quanto são “joviais” por saberem lidar com a tecnologia, Grace aparece frequentemente com seu smartphone, enquanto Frankie exibe sua conta no Twitter e se orgulha em dizer que escuta o cantor de *rap* Drake. A ênfase na temática da sexualidade em toda a série pode ser observada como uma associação com características joviais, pois como uma personagem da série apresenta no episódio “O Alarme de Pânico”: “o sexo é jovem”, sendo interessante a associação da velhice com essa temática para valorização social dela.

A forma de velhice feminina apresentada na série segue os parâmetros apontados por Ortega (2008, p.36) da velhice contemporânea “os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos”. As duas personagens em algum momento da série cumprem todos esses requisitos citados por Ortega (2008).

A partir da análise da série “Grace and Frankie” verificou-se a disseminação de um modelo de envelhecimento semelhante aos conceitos de “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013) e “envelhecimento turbinado” (CASTRO, 2016), sendo conceituado como envelhecimento performático. O envelhecimento performático constitui-se em uma forma de envelhecer focada na performance corporal nos mais diversos âmbitos, como no trabalho, na sexualidade, na alimentação, no cuidado estético, na relação com a saúde, na jovialidade e principalmente na autonomia. Sendo necessária uma performance que está em constante aprimoramento visando tornar-se ótima.

A forma de envelhecimento propagada na série não deixa de ser um modelo idealizado de velhice, pois difunde um envelhecimento considerado “bem-sucedido” que não é possível de ser alcançado por todos os indivíduos. As condições socioeconômicas das duas personagens devem ser levadas em questão, Grace e Frankie são brancas, possuem dois ex-maridos donos de um escritório de advocacia, Grace antes de se aposentar criou sua própria empresa de cosméticos e Frankie é uma artista que dá aula de artes para ex-criminosos reabilitados. Esses fatos junto às características de consumo encontrados na série nos levam a compreender que ambas são de famílias de classe média alta. Após a separação, as duas amigas vão morar em uma grande casa de praia no litoral da Califórnia, pertencente às duas famílias e possuem todas as condições para se manterem autônomas. Essas características contribuem para a constatação do envelhecimento performático, como um ideal projetado que, segundo Jane Fonda, acaba aliviando o medo das espectadoras da série de envelhecer, na esperança de que terão uma velhice semelhante à de Grace e Frankie (TEC, 2015). Assim como para os jovens há a disseminação para

uma performance corporal ótima (CALAZANS, 2013), o modelo de envelhecimento performático ótimo também está sendo disseminado, como uma forma da velhice aceita na sociedade contemporânea, sendo essa uma velhice mais aproximada da juventude quanto possível.

Ainda que a série busque ressignificar a sexualidade da mulher velha, aproximando-a dos sentidos positivos próximos à noção de juventude, notou-se ainda uma permanência significativa de sentidos negativos associados ao corpo e ao sexo na velhice. Assim, um dos principais resultados dessa pesquisa verificou uma associação negativa aos sentidos da velhice, bem como da sexualidade da mulher velha que estão relacionados ao conceito de idadismo, sendo esse “uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade” (CASTRO, 2015, p. 108). Amparada na visão da juventude como um valor (DEBERT, 1999), essa forma de preconceito é disseminada na sociedade contemporânea e a velhice é vista com repúdio.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Edts.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BEAUVOIR, Simone de (1970). **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusora Europeia do Livro.

CALAZANS, Fabíola. **Seja ótima, seja feliz: discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT**. Brasília: Tese (Doutorado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia** (São Paulo, *Online*), n. 31, p. 79-91, abr. 2016.

CASTRO, G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.101-114, 1 out. 2015. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. 2015.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista Contemporânea** (UERJ. Online), v. 9, p. 78-85, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

O GLOBO. **População mundial vai crescer 53% e chegar a 11,2 bilhões em 2100, diz relatório da ONU**. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/populacao-mundial-vai-crescer-53-chegar-112-bilhoes-em-2100-diz-relatorio-da-onu-17003177>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

OMS, **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, Garamond, 2008, p. 256.

SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIBILIA, Paula. "O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice." **Comunicação Mídia e Consumo** 9, n. 26, p. 83-114. 2013.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83-108.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

TEC. **Entrevista Jane Fonda - Grace & Frankie (serie Netflix)**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PoZVVOu47kE>>. Acesso em: 05 out. 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

